



“Exu não bebeu nada, a garrafa está furada”: um estudo de caso sobre o consumo de psicoativo na Umbanda

Autor: Geraldo de França Alves Júnior

Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, CCAE/DCS

Orientação: Estevão Martins Palitot

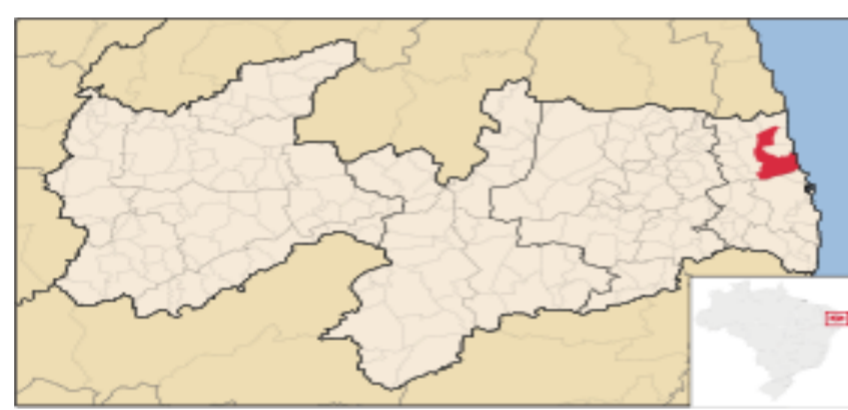
Objeto e Objetivos

A pesquisa, aqui apresentada é geograficamente localizada em Rio Tinto, município localizado no litoral norte da Paraíba, 62 Km da capital João Pessoa, Paraíba.

O trabalho baseia-se dentro de três esferas de produção cultural principais, que são: as manifestações religiosas afro-brasileiras, mais especificamente a Umbanda; o consumo de psicoativos, detendo-se no consumo de bebidas alcoólicas; e o transe e as personificações das entidades nos filhos de santo, que são manifestações próprias da Umbanda.

Como objetivo principal o trabalho versa contribuir para a discussão do consumo de psicoativos dentro do âmbito do que se entende por *ritual* (PEIRANO, 2003), nas religiões afro-brasileiras, especialmente, da Umbanda na Paraíba, buscando os significados simbólicos, cosmológicos e doutrinários que ela constrói a respeito de tais consumos, dentro de suas especificidades, visando a organização de uma identidade própria.

Dessa maneira, a pesquisa tenta adentrar numa discussão ainda pouco explorada a respeito do consumo do álcool nas manifestações citadas, afastando-se de pressupostos reducionistas de cunho farmacológicos ou médicos, ressaltando a sua importância e as significações e ressignificações que o grupo estudado desenvolve a seu respeito.



Localização Geográfica de Rio Tinto na Paraíba. Fonte: Wikipédia.

Metodologia

Para a pesquisa aqui tratada foram utilizados métodos que possibilitaram a inserção e o aproveitamento em campo. Dentre elas a *observação participante*, que surge como o método mais geral usado para o estreitamento do pesquisador e do que foi pesquisado.

A História Oral e suas variações, que segundo QUEIROZ (1988, pp. 19-21) está “[...] na base da obtenção de toda a sorte de informações [...]” e auxiliou na construção e entendimento do campo estudado, de suas relações construídas e dos sentidos socialmente formados que possibilitam sua existência e seu sentido social e religioso.

Mesmo não se tratando de uma produção diretamente ligado à antropologia visual, algumas de suas técnicas foram essenciais para obtenção de dados, e para perceber as interpretações e noções dos próprios interlocutores sobre a relação estudada por esse trabalho.

Assim, a técnica de pesquisa exploratória (RIBEIRO, 2004) serviu em grande parte para a produção de imagens -fotografias e vídeos- em campo, e para a análise dos dados obtidos nas cerimônias, onde a interação entre os objetos centrais da pesquisa se desenvolvem.

Por fim, as *foto e vídeo-elicitações* (BANKS, 2009) possibilitaram que os interlocutores concedessem de forma menos complicada as opiniões a respeito do que a pesquisa apontava, facilitando a interação entre pesquisador e pesquisado, e, conseqüentemente, em uma melhor inserção em campo.

Conclusão

A existência do Centro Religioso São Jorge Guerreiro em Rio Tinto está intimamente ligada ao desenvolvimento da Umbanda não só na cidade, como também na Microrregião do Litoral Norte, a partir de meados de 1980.

Notou-se, apesar da ampla bibliografia desenvolvida em torno das religiões de base afro-brasileiras, que a relação entre psicoativos e Umbanda ainda é pouco discutida dentro da Antropologia e das Ciências Sociais como um todo, além de inexistirem informações científicas sobre a Umbanda na região onde a pesquisa se desenvolveu.

Com a pesquisa de campo e o auxílio dos interlocutores do centro religioso, principalmente da Babalorixá, conhecida popularmente como Mãe Geralda, foi possível observar e perceber como se dão os usos ritualísticos do álcool dentro das celebrações religiosas da Casa, bem como identificar que regras são criadas em volta dos rituais, tendo em vista o cuidado com os usos abusivos que geralmente ocorrem dessas substâncias, e com uma moral religiosa que não deve ser desobedecida.

Devido principalmente à grande diversidade dos cultos umbandísticos, seja em nível regional ou nacional, a pesquisa, longe de procurar conclusões que se fechassem em si mesmas, visou, sobretudo, contribuir para uma discussão maior dessa relação entre psicoativos e as manifestações religiosas estudadas, que são nitidamente ricas em sentidos para o grupo abordado, acrescentando ao debate antropológico, assim, a ampla variabilidade de formas que a Umbanda desenvolve a partir daqueles que a formam e de suas produções culturais.



À esquerda: imagem do portão de entrada do Centro Religioso São Jorge Guerreiro (CRSJG); Canto superior direito: Filha de Santo durante "festa" no CRSJG, em possessão, consumindo tabaco e álcool; Canto inferior direito: Filha de Santo, em possessão, consumindo bebida alcoólica durante "festa" no CRSJG. Fotografias do autor.

Referências Bibliográficas

- BANKS, Markus. Métodos visuais e pesquisa de campo. In: _____. *Dados visuais para pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009. Cap. 4, pp. 79-118.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O. M. von (Org.). *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988, pp. 14-43.
- PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- RIBEIRO, José da Silva. Antropologia visual: da minúcia do olhar ao olhar distanciado. In: _____. *Antropologia visual: um processo exploratório*. Porto: Edições Afrontamento, 2004. Cap. 1, pp. 131-176.